

Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização

Ludmila Mourão*

Resumo

O objetivo deste estudo, é descrever a significação das representações sociais associadas à mulher brasileira nas atividades físico-desportivas a partir de 1870, época que se caracteriza pela tendência a excluí-la dessas atividades, até 1950, quando se verifica um processo generalizado de democratização de seu acesso ao campo esportivo, que culmina com a primeira Olimpíada Feminina, ocorrida no Rio de Janeiro. Lançando mão de abordagens múltiplas, o estudo considera: a) depoimentos de intelectuais brasileiros médicos, juristas e educadores envolvidos com a temática mulher e esporte, no último quarto do século passado e primeiro deste século (Nísia Floresta, João da Matta Machado, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Orlando Rangel Sobrinho e Afrânio Peixoto);- b) técnicas de entrevista semi-estruturada com informantes de elite, que se constituem em ícones do processo de emancipação da mulher brasileira no/atraves do esporte: Maria Lenk, Vara Vaz, Aída dos Santos e Roselee Viana Ribeiro); e c) documentos da mídia, sobretudo a respeito dos Jogos da Primavera, Olimpíada Feminina organizada pelo Jornal dos Sports de 1949 a 1972. Os diferentes materiais são analisados e interpretados com suporte nos pressupostos teóricos da análise do conteúdo e do discurso, levando em conta algumas categorias fundantes da teoria das representações sociais, sobretudo das formulações de Abric e de Sá, relacionadas aos sistemas nuclear e periférico das representações. Os resultados indicam algumas mudanças expressivas no processo de emancipação da mulher no esporte, associadas ao sistema periférico. As evidências apontam para liberação crescente da prática esportiva feminina: maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restri-

ções à prática de modalidades esportivas consideradas masculinas, diminuição do controle da família e do contexto micro-social sobre a escolha esportiva. Por outro lado, resistem mais firmemente as representações sociais nucleares: o espaço esportivo continua sendo concebido como típico do homem, que domina a cena esportiva em termos de cargos, honrarias, prestígio na mídia, patrocínio e retorno financeiro. Conclui-se que o processo de emancipação da mulher brasileira na prática do esporte, encorajado por algumas mulheres-ícones, vem se dando de modo não confrontativo, configurando um mecanismo de ocupação de espaço de forma não violenta/ com estratégias eficazes em termos de prática, e menos eficazes em termos das representações. Conclui-se que as mulheres esportistas continuam a arcar com o ônus das avaliações negativas e restritivas, associadas à troca do espaço privado pelo espaço público no esporte. A tese fornece evidência positiva para a hipótese de que as representações e as práticas associadas a um mesmo campo simbólico, embora dinamicamente diferentes, engendram-se reciprocamente.

Abstract

The aim of this study is to describe the meaning of social representations associated with Brazilian women in physical-sport activity from 1870, when women tended to be excluded from these activities, to 1950, when there was a widespread process of democratization of women's access to sports, which culminated in the first Womens Olympic Games, in Rio de Janeiro. With the support of multiple methodological approaches, the study considers: (a) the testimony of Brazilian intellectuals

Nesta sociedade, homens e mulheres¹ da elite estão separados, na distinção entre o público e o privado, o patriarcalismo permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura.

- medical doctors, jurists and educators - involved with the issue of women in sports in the last quarter of the nineteenth century and the first quarter of the twentieth century (Nísia Floresta, João da Matta Machado, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Orlando Rangel Sobrinho and Afrânio Peixoto); (b) semi-structured interviews with elite informants considered icons of the movement of women's emancipation in/through sports: Maria Lenk, Yara Vaz, Aida dos Santos and Roselee Viana Ribeiro, and (c) media documents, mainly those concerned with the Spring Games, the first Women's Olympic Games, organized by the *Jornal dos Sports* from 1949 to 1972. The interpretation and analysis of the different materials is based on the theoretical principles of content and discourse analysis and on some fundamental categories of social representations, especially the formulations of Abric and Sá concerning the nuclear and peripheric systems of representations. Results indicate to some expressive changes in the process of women's emancipation in sports associated with the peripheric system. The evidence points to an increasing emancipation in women's sports practice: more mobility in the sports scene, a decrease in the restrictions on women's participation in sports considered to be masculine, a decrease in the control of the family and of the micro-social context over the choice of sports. On the other hand, the nuclear social representations have been more resistant to change, continuing to conceive the sports space as being peculiar to men, who dominate the sports scene in terms of positions, honors, prestige in the media, sponsorship and financial return. We conclude that the process of Brazilian women's emancipation in sport, encouraged by some women-icons, is taking place in a non-confronting manner revealing a non-violent mechanism of space occupation, with efficient strategies in terms of practice, but not as efficient in terms of representations. All in all, we are led to conclude that women athletes still have to put up with the consequences of negative and restrictive evaluations, associated with the change from private space to public space in sports. The study supplies positive evidence for the hypothesis that, although dynamically different, the representations and

practices associated with the same symbolic field are reciprocally engendered.

INTRODUÇÃO

Este estudo se inicia no século XIX, um período de avanços científicos prodigiosos, durante o qual campos completamente novos da ciência surgiram e o desenvolvimento tecnológico também foi espetacular. Eletrificação, transporte, indústrias químicas, controle de doenças estavam alterando a sociedade de modo irreversível.

Nesta sociedade, homens e mulheres¹ da elite estão separados, na distinção entre o público e o privado, o patriarcalismo permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Como nos mostra Michelle Perrot², em seus estudos sobre a mulher, os homens passam a maior parte de seu tempo fora de casa, no trabalho e nos "negócios", palavra vaga que legitima tudo, e as mulheres têm lugares ligados às suas tarefas e às suas funções nas igrejas, nos salões, nos mercados e lojas, esses "templos de mulher, onde elas são aduladas e sobretudo vigiadas" (p.167). Neste período os olhares sobre as mulheres estampam uma representação biológica do corpo feminino, e esta representação estava associada aos ideais políticos, sociais e patriarcais da sociedade brasileira.

No terceiro quartel do século XIX, no Brasil, não há notícia de grupos femininos organizados lutando pelo fim da discriminação entre os sexos. Mas algumas mulheres divulgavam idéias que visavam modificar a realidade desfavorável em que viviam e alterar a condição historicamente mantida de submissão. Como exemplo típico, pode-se citar Chiquinha Gonzaga, mulher audaciosa e pioneira; a antecipação com que usou a liberdade pessoal faz dela uma das primeiras grandes personagens da história do Brasil, bem como Nísia Floresta, na educação. No campo da atividade físico-desportiva a situação não era diferente: quase não se via a mulher praticando atividade física.

Muito embora as idéias feministas já estivessem presentes no século XIX, o início do século XX anuncia um tempo de modernidades, onde a mulher brasileira de elite inicia sua emancipação na sociedade, cada vez mais inserindo-se no espaço público, buscando o conhecimento e o reconhecimento dos seus direitos. A prática da atividade física e esportiva feminina foi delimitada neste estudo da década de 1870 até a de 1950 considerando uma leitura do corpo feminino além das oposições liberação/repressão/opressão, corpo natural/corpo artificial, não para negar essas oposições, mas para analisá-las e interpretá-las no curso da história, justificando-as portanto como datáveis, provisórias, plurais e estreitamente interligadas.

A questão que se delineia como problema desta tese é revelar quais são os sentidos das representações e práticas sociais vinculadas às idéias de segregação³, participação e democratização relativas às atividades físico-desportivas femininas, de 1870 a 1950. Entende-se representações sociais, com base em Denise Jodelet⁴, como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

A hipótese que guia este trabalho se constitui a partir de uma premissa intuitiva, de que a segregação, inserção e crescente participação da mulher brasileira na prática de atividade física e no esporte na passagem do século XIX para o XX, bem como a continuidade desta prática até os anos 50, se deu através do contorno ou superação de alguns obstáculos nos domínios da prática e da representação, cercada de preconceitos, discriminações e interdições, e marcada pelas ideologias patriarcal, higiênica e eugênica.

O que se apresenta como desdobramento na hipótese é que se a mulher demonstrasse interesse, vontade, desejo de praticar atividade físico-desportiva, e se houvesse contexto familiar que a apoiasse, ela não encontraria proibições. No entanto, isso, no século XIX e início do século XX, era fato raro. Observa-se que as

mulheres que tinham acesso a essa prática, considerada reserva masculina⁵, eram aquelas que pertenciam à elite. As atividades físico-desportivas se tornavam possíveis sobretudo com apoio e influência da família, e normalmente eram restritas ao espaço privado.

O ponto central que a hipótese desta tese assume, portanto, é que o processo de inserção e crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas sugere um certo grau de autonomia, ou seja, uma movimentação autônoma da mulher que se inseria nessa prática; ela não estava a serviço da pátria ou da humanidade, e sim a serviço de suas vontades e desejos. As demandas das mulheres para o esporte e a educação física eram expressão dos mais variados esforços de liberação feminina, que se tornariam cada vez mais evidentes com a maturidade do século. Ao analisar o esporte no conjunto das demais dimensões sociais e políticas da vida da mulher, identifica-se que o fenômeno da atividade esportiva se concentra na natureza relativamente "voluntária" e individual da mulher brasileira de elite.

O processo de apropriação do espaço esportivo pela mulher é qualitativamente diferente do processo de apropriação de outros espaços, em que é mais tensa a relação entre os gêneros, porque, propriamente, a mulher brasileira não demandou um confronto com o homem, numa redistribuição do território esportivo. Antes, passou a aparecer, tornou-se visível, no turfe, na natação, no tênis, e assim sucessivamente, sem representar perigo à hegemonia masculina. Foi - e é - um processo de infiltração lenta e progressiva, na prática, sem o discurso de contestação por parte das mulheres, com as vicissitudes próprias de um movimento desse tipo; e hoje, quando se mapeia o território esportivo brasileiro, verifica-se que a mulher está presente na prática de quase todas as modalidades esportivas; e, simultaneamente, assistimos a uma transformação visível das representações sociais face à sua infiltração nessa prática.

Pondera-se que a inserção e crescente participação da mulher de elite nas atividades

O processo de inserção e crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas sugere um certo grau de autonomia.

físico-desportivas deu-se pela via da conciliação, com demandas explícitas, mas sem lutas, sem embates, na medida em que este processo de visibilidade da mulher no esporte não foi marcado pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social que se impunha, ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelecia na sociedade brasileira. Às mulheres foi sendo concedida e incentivada a prática de atividades físico-desportivas, através de alterações nas representações, pelos próprios movimentos autônomos dessas mulheres, e pela normatização da ideologia higienista e eugênica.

Não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação, freqüentemente com apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos da sociedade, mas com um controle normativo que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas.

Não houve, no esporte, um movimento feminino - menos ainda feminista - pela equalização de gênero, conforme se pode verificar pela ausência de movimento contestador das esportistas brasileiras, num contexto em que é o homem, em sua maioria absoluta, que comanda as federações, confederações, clubes e ligas como dirigente, técnico e árbitro.

São objetivos gerais deste estudo identificar, analisar e interpretar os sentidos das representações e práticas sociais vinculadas às idéias de segregação, participação e democratização, relativas às atividades físico-desportivas da mulher brasileira de elite, de 1870 a 1950. E específicos avaliar o conjunto de representações e práticas sociais que evidenciam a passagem da segregação à democratização da atividade físico-desportiva da mulher brasileira de elite, considerando sua inserção e crescente participação nesta atividade. Identificar-se-ão as correntes de pensamento e práticas sociais que influenciaram a cultura brasileira de um modo geral, e especificamente a dimensão físico-desportiva da mulher; analisar-se-á e inter-

pretar-se-á também a influência que estas correntes de pensamento exerceram na mentalidade brasileira a partir da interpretação de estudos de um grupo de intelectuais que defenderam a atividade físico-desportiva da mulher de elite, no período de 1870 a 1930. E por fim, propõe-se a detectar no curso da história da atividade físico-desportiva as representações sociais que foram sendo produzidas, sua estabilização e os processos de alteração que foram sofrendo.

Trar-se-á, para as cenas que se desenvolvem nesta tese, a relevância dos traçados e das passagens da história da mulher brasileira e da atividade físico-desportiva⁶, considerando que essa história é também e sobretudo dos homens, da família, do trabalho, da educação, dos sentimentos que permeiam as relações entre homens e mulheres, de seus corpos, e de tantas outras facetas que intermediam e possibilitam a construção da identidade esportiva da mulher. Foi recorrendo a documentos, registros, memórias, opiniões acumuladas de pessoas que viveram este século como "observadores participantes", que realizou-se esta pesquisa, que se considera aberta, pois entende-se que não se consegue cobrir todos os fatos ocorridos e suas possíveis interpretações a partir de um único estudo, nem levantar todas as interpretações possíveis neste mesmo estudo. Ao mesmo tempo, tem-se a certeza de que o estudo que ora se conclui é relevante para a área de conhecimento sobre a história do esporte feminino e das relações de gênero no Brasil. Essa também é uma história de algumas mulheres que ergueram o Brasil no último século, botando saia na história esportiva. Esta tese visa também tornar a história do Brasil, em relação ao esporte feminino, mais conhecida do público.

Eric Dunning⁷, sociólogo do esporte, em seu texto intitulado Esporte como uma área de reserva masculina: notas sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações, argumenta a respeito da importância singular de estudos como este que estou apresentando para vocês, principalmente quando realizados por pesquisadoras femininas da área do esporte, na medida em que os olhares e as aná-

Não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação.

lises do homem é que têm predominado até então na observação dos movimentos e atividades esportivas da mulher. Segundo Dunning,

"tem-se prestado muito pouca atenção ao esporte, tradicionalmente uma das maiores reservas masculinas, e assim de significado potencial para o funcionamento das estruturas patriarcais. Nos últimos anos, especialmente como resultado do desafio feminista, percebe-se que a sociologia se desenvolveu a partir de um contexto de pressupostos patriarcalistas" (p.164).

Outro fator que me levou a investir na área da mulher e esporte no Brasil foi a constatação de Fúlvia Rosemberg⁸ de que a bibliografia sobre o assunto é muito limitada. Segundo suas próprias palavras, "quando voltamos nossa atenção para a área de estudos sobre mulher/relações de gênero que vem se constituindo com força no Brasil nos últimos anos, o cenário é de penúria" (p.272). Portanto, esta tese somará esforços para discutir, a participação da mulher no esporte, as questões relativas ao domínio masculino, à subordinação feminina e à emancipação esportiva da mulher.

Caracteriza-se este estudo como um ensaio, tanto pelo método de análise que utiliza, quanto por seu estilo de escrita, que conta com uma argumentação rigorosa e um alto nível de interpretação e julgamento pessoal. Considera-se também a historiografia sociocultural da mulher nas atividades físico-desportivas, na medida em que trabalha-se na construção da trajetória da mulher brasileira nesse tipo de atividade. Opera-se com o recorte temporal, dividindo o segmento cronológico que se pretende estudar nos dois períodos referidos, seguindo a orientação de Veyne⁹. Este autor argumenta que o fato digno de suscitar atenção do pesquisador, quando da construção de uma trama histórica,

"depende da trama escolhida; um fato não é nem interessante, nem deixa de sê-lo. A resposta seria impossível pois um fato nada é sem sua trama. É impossível descrever uma totalidade e toda descrição é seletiva. O objeto do estudo nunca é a totalidade de todos os fenômenos observáveis, num dado momento, ou num lugar determinado, mas somente alguns aspectos escolhidos" (p.28-29).

Eric Hobsbawn¹⁰, que trabalha com grandes períodos históricos de forma brilhante, reflete com cuidado e propriedade sobre a elaboração da história e diz que, na construção histórica de um determinado fenômeno, num dado período, é quase impossível uma só pessoa conhecê-lo e acompanhá-lo com circunstância e detalhe. Foi de acordo com essas formas de conceber a história que este trabalho se desenvolveu, ao privilegiar determinados fatos em detrimento de outros, que ocorreram na vida esportiva das mulheres da elite brasileira.

APRESENTANDO AS REPRESENTAÇÕES

Para que se compreenda a teoria das representações sociais que orientou este estudo, apresenta-se um conjunto de idéias de autores, utilizados para mapear, no período de 1870 a 1950, as opiniões, crenças, comportamentos e atitudes que estavam presentes na mentalidade brasileira em relação à prática de atividade físico-desportiva pela mulher de elite desde a fase de segregação até a democratização.

Na formulação clássica de Durkheim, de 1898, em texto intitulado Representações individuais e representações coletivas, assim se expressa o autor a respeito da natureza das representações:

"Se se pode dizer, sob certos aspectos, que as representações coletivas são exteriores com relação às consciências individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente. Naturalmente, na elaboração do resultado comum, cada qual traz a sua quota-par-te; mas os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação, sob a ação de forças sui generis, que a associação desenvolve; em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que delas decorrem, eles se transformam em outra coisa. Uma síntese química se produz que concentra e unifica os elementos sintetizados e, por isso mesmo, os transforma. Uma vez que essa síntese é obra do todo, é o todo que ela tem por ambiente. A resultante ultrapassa, portanto, cada espírito individual, assim como o todo ultrapassa a parte. Eis aí em que sentido ela é exterior em relação ao particular. Por certo, cada um contém qualquer coisa dessa resultante; mas ela não está inteira em nenhum"¹¹.

Nos termos em que hoje a concebemos, a teoria das representações sociais, na vertente da psicologia social europeia, está centrada nas propostas teóricas e metodológicas de Serge Moscovici, bem como nas implementações à teoria, oferecidas por seus colegas e seguidores, em cujo grupo se destaca Denise Jodelet.

A medida que procedíamos à análise das representações relacionadas aos compromissos, obrigações, deveres, tarefas e prerrogativas da mulher, especialmente na interface com o esporte, identificáveis nos documentos do *corpus*, constatamos que era fundamental distinguir, no conjunto das representações: 1º) aquelas que se tinham consolidado na cultura, e que as pessoas por vezes consideram impossível remover (Nísia Floresta fala especificamente de algumas crenças que não há como mudar; vários dos intelectuais se referem, freqüentemente, a preconceitos funestos e arraigados); e 2º) aquelas que os próprios intelectuais, a começar por Nísia Floresta, estavam propondo reformular, ajustar e mudar. Sabemos que é problemático estabelecer uma escala das representações em termos de solidez, uma vez que nem sempre é possível identificar os traços da força e da fraqueza de cada representação. Entretanto, para fins operacionais, podemos pensá-las em termos binários. Foi o que fizemos, ao adotar como ponto de referência a formulação desenvolvida para representação social por Jean-Claude Abric¹², em que se privilegia sempre uma distinção operacional entre sistema central e sistema periférico.

As representações nucleares apontam para o que as pessoas naturalizam, ou consideram como natural, como cristalizado. Fala-se nesse contexto de preconceitos arraigados, de valores assumidos como parte da cultura, cuja origem se perde na poeira dos tempos, como patriarcalismo, machismo, sexo frágil, tarefas de cada sexo, função natural de cada sexo, entre outros. O estudo das representações sociais nucleares deve pesquisar a sua gênese e sobretudo sua trajetória, na procura de descobrir como surgiram, como se consolidaram as representações ora circulantes na comunidade a respeito da participação da mulher de elite nas atividades físico-desportivas.

As representações periféricas devem ser flagradas e inferidas na análise das transformações mais recentes por que têm passado e continuam a passar as imagens, atitudes e preconceitos vinculadas à temática da emancipação feminina em geral, e à democratização do acesso ao esporte em particular.

Nesta tese, sobre as representações sociais vinculadas a mulher no esporte, o interesse está na compreensão: 1º) do significado dos processos de transformação do sistema nuclear das representações sociais, especialmente as que começam diretamente nesse núcleo, por decisões do Estado; e 2º) do significado dos processos de mudanças mais sutis nas representações periféricas. Neste segundo caso, os processos podem estar associados a mudanças nas práticas (nas condições de produção e recepção); podem começar pelas representações e exercer efeito nas práticas; e podem originar-se de mudanças nas práticas, que acabam interferindo nas representações.

AS FORÇAS CULTURAIS E A ATIVIDADE FÍSICO-DESportiva FEMININA

Na segunda metade do século XIX, a discussão sobre a questão da prática de atividade esportiva e exercício físico pela mulher de elite se acelera, e surgem duas poderosas forças culturais que entram em conflito. De acordo com Patrícia Vertinsky¹³, a primeira foi uma complexa mistura de pensamentos "advindos do culto da feminilidade, que encerravam as limitações sociais e físicas das mulheres, associadas às idéias darwinianas sobre a eficiência social e a "sobrevivência do mais saudável" (p.70). A preocupação com o progresso levava as pessoas a representarem a maternidade como a função de maior importância para a evolução. Para a mulher, por ter que investir sua energia nas necessidades de reprodução, qualquer esforço extra empregado em atividade física vigorosa ou intelectual, resultaria em fraqueza, doença, infertilidade ou danos às futuras gerações. E, a partir desta representação, acreditava-se na necessidade de ajustar a educação física feminina com o seu

Na segunda metade do século XIX, a discussão sobre a questão da prática de atividade esportiva e exercício físico pela mulher de elite se acelera, e surgem duas poderosas forças culturais que entram em conflito.

desenvolvimento reprodutivo, pois não havia a reposição da energia desperdiçada.

A partir do momento em que os princípios do darwinismo social e a "sobrevivência do mais saudável" deveriam ser seguidos pelas mulheres, as meninas deviam então usufruir dos benefícios saudáveis dos jogos leves e de atividade física moderada, para tornarem-se mães fortes. Mas - contraditoriamente - a orientação sobre a feminilidade e a teoria do "desgaste" menstrual¹⁴ levavam as meninas a aceitarem os limites impostos a suas ações e exercícios como o preço natural do corpo feminino. Aliada a esta representação de corpo feminino que guarda energia para a reprodução, está pautada a necessidade de desenvolvimento da força física e da saúde, como atributos para uma mãe robusta e produtiva. Logo o exercício passava a fazer parte da vida da mulher, para que esta pudesse produzir gerações mais fortes e saudáveis.

Um segundo grupo de forças a favor da mudança em relação à prática de atividades físico-desportivas pela mulher está centrado nas demandas que brotavam em prol dos direitos da mulher, da educação superior e do treinamento profissional. Algumas mulheres que já estavam transitando fora do lar e ocupando o domínio público buscavam o direito de utilizar o próprio corpo da forma como o desejassem; portanto, jogavam tênis, golfe e pedalavam suas bicicletas.

Contudo, a situação da mulher brasileira de fim de século se caracterizava por uma certa invisibilidade que pesava até então sobre ela na cultura, e também por consequência, na memória do país, a respeito do que foi e sobre o que é ainda hoje a presença, a atuação e a contribuição das mulheres brasileiras para a nação.

DA EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E FÍSICA ÀS ÍCONES FEMININAS DO ESPORTE

Para compreendermos o papel desempenhado pelo pensamento reformador da educa-

ção e da saúde no Brasil, do último quartel do século XIX até a década de 30, precisa-se conhecer as idéias fundamentais da obra do sociólogo Herbert Spencer, escrita em 1861 e intitulada "Da Educação Moral, Intelectual e Física"¹⁵, que influenciou o discurso dos intelectuais brasileiros que refletiram sobre esses temas no contexto das transformações científicas e tecnológicas, na segunda metade do século XIX.

Nessa sua obra sobre a educação, que foi editada em Portugal em 1887¹⁶, Spencer apresenta seu ideário higienista. O autor demonstra que para os rapazes, e sobretudo para as meninas, o sistema educacional inglês não respeitava os limites e as interrelações naturais entre crescimento físico, moral e intelectual; portanto, contribuía para a degeneração da raça. Spencer considerava os jogos maior fonte de prazer do que a ginástica, por desenvolverem igualmente as diferentes partes do corpo, enquanto a ginástica se especializava em algumas partes em detrimento das outras.

Para as meninas o sistema era mais restritivo, pois, além dos jogos, elas estavam afastadas das atividades de ginástica. Assim, enquanto as escolas masculinas tinham pátios com aparelhos e espaço para atividade física, os pátios das escolas femininas apenas tinham jardins, com alamedas normalmente trilhadas pelas moças com livros nas mãos. Spencer era contra esse contexto imobilista, apoiado em crenças restritivas ao exercício físico para as moças, conforme se pode verificar através da seguinte passagem:

"Acaso uma menina não tem nenhum desses gostos que impelem os rapazes aos jogos ruidosos? Ou então deve-se crer que, enquanto a natureza dotou os rapazes com esses gostos estimulantes numa atividade sem a qual não podem atingir um suficiente desenvolvimento, não os dispensou a suas irmãs senão para vexar as professoras? Talvez que nos equivoquemos todavia sobre o pensamento das pessoas encarregadas da educação do sexo mais fraco. Suspeitamos vagamente que estão sob a impressão da idéia de que não se deve

Enquanto as escolas masculinas tinham pátios com aparelhos e espaço para atividade física, os pátios das escolas femininas apenas tinham jardins.

desejar produzir nas meninas um robusto desenvolvimento físico; que uma saúde florescente e um grande vigor são aos seus olhos qualidades plebéias; que uma certa delicadeza, uma força calculada sobre passeios de léguas ou léguas, que um insignificante apetite delicado e facilmente satisfeito, juntos a essa timidez que acompanha a fraqueza, são julgadas cousas mais convenientes às mulheres de sociedade" (p.222).

O autor argumenta em favor da saúde, da graça, da vivacidade resultantes da atividade física, que em sua opinião seriam responsáveis por jovens comunicativas, saudáveis, alegres e, sobretudo, bonitas, pois a atividade físico-desportiva as levaria a uma vida mais natural, e portanto lhes desenvolveria mais naturalmente os encantos da juventude. No Brasil vê-se o discurso dos intelectuais analisados no estudo, apontando para essas mesmas fraquezas nas propostas de atividades físicas.

Nísia Floresta, João da Matta Machado, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Orlando Rangel Sobrinho e Afrânio Peixoto nos permitiram, na interpretação de suas obras, afirmar que o corpo feminino inscrito na sociedade brasileira de 1874 a 1936 era submetido a uma nova ordem social que dirigia a mulher para uma prática de atividades corporais que a auxiliassem na reprodução e produção de uma raça mais forte. Os discursos dos intelectuais falam da dificuldade da mulher em se inserir no espaço da atividade física e esportiva; falam de concessões que aparentemente oferecem espaço para que o corpo feminino se exercite e se libere. Entretanto, estas concessões são feitas não para emancipar, e sim para diferenciar as funções entre os sexos e aperfeiçoar o papel da mulher como reprodutora, na condição subserviente de responsável pela regeneração da raça. Portanto, aliada à discussão que perdurou pelo menos meio século, encontra-se um discurso hegemônico, repetitivo e lento, que só veio a pensar a possibilidade da prática de exercícios pelas mulheres a partir de uma visão biológica do corpo feminino, onde se cristalizou a maternidade no papel de reprodutora.

Nos anos 30, o contexto de crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas já salta aos olhos, e com isso novos argumentos científicos são elaborados e colocados a serviço da construção da representação da inaptidão feminina para a atividade física e o esporte. "Em geral a maioria dos autores admite, baseando-se sobretudo no mito da feminilidade, desaconselhar as atividades desportivas que requerem ou desenvolvem a força muscular para o sexo feminino"¹⁷. Estes conceitos contribuíam para regular e normalizar a situação da mulher na atividade físico-desportiva, na medida em que algumas mulheres brasileiras estavam participando de forma crescente, mais intensa, e portanto com maior visibilidade, no campo esportivo.

As representações sociais e práticas voltadas para a harmonia das formas feminis e para as exigências da maternidade futura da mulher brasileira foram incorporadas pelo Decreto-lei 3.199, de 1941, que vigorou até 1975, cujo artigo 54 dizia: "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". Em 1965 o Conselho Nacional de Desportos estabeleceu regras para a participação feminina nos esportes e, através da Deliberação 7, estipulou: "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball".

Waldemar Areno, em 1962, por exemplo, afirmava que os saltos em extensão e triplo não deviam ser realizados pelo sexo feminino, na medida em que poderiam provocar "alterações na fisiologia ovariana" ou mesmo "deslocamento desses órgãos"¹⁸; em contrapartida, a literatura mostra que "o útero, assim como outros órgãos envolvidos na reprodução, é notavelmente protegido contra choques externos;"¹⁹ em relação aos órgãos sexuais, "são mais comuns lesões em homens do que em mulheres";²⁰ "a probabilidade de a mulher atleta sofrer acidentes (choques traumáticos etc) ou lesões é igual, ou menor, do que em relação ao homem atleta".²¹

Nos anos 30, o contexto de crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas já salta aos olhos.

Os argumentos que restringiam a prática de atividades físicas fatigantes às mulheres foram sendo desautorizados, não se sustentaram, como mostram as evidências do desempenho feminino, somadas a novas descobertas de que: "a treinabilidade da mulher é similar à do homem, para esforço aeróbio;"²² e de que "a potência aeróbia máxima de mulheres em provas de longa distância tende a se aproximar da dos homens atletas da mesma especialidade."²³

Logo as representações periféricas relacionadas com a prática de atividade física e esportiva feminina estavam sendo desestabilizadas; a mulher do século XX estava passando por novas alterações. Algumas jovens desportistas começam a organizar no Rio de Janeiro e em São Paulo os primeiros campeonatos estaduais de natação, vôlei e basquete, e a fundar departamentos femininos em diversos clubes. Em 1932, Maria Lenk é incluída pela primeira vez em uma delegação brasileira de Jogos Olímpicos. A nadadora Piedade Coutinho, grande estilista e contemporânea de Maria Lenk, lembra muito bem o que foi tudo isso. Eis suas palavras:

"Existiam muitos tabus naquela época em que a mulher não podia nadar, que a mulher era uma dona de casa, casada com filhos, não podia fazer esportes, era feio. E eu acho que eu dei um exemplo à mulher brasileira, que nós podemos fazer isso e devemos, não só para darmos exemplo aos nossos filhos, à juventude e para o nosso corpo e nossa saúde também."²⁴

A partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, o governo brasileiro utilizou o esporte para compor o perfil nacionalista que tentava difundir. Em 1941 a vitória brasileira no sul-americano feminino de natação empolgou o país. As campeãs Maria Lenk e Piedade Coutinho, depois de brilhante desempenho, foram recebidas com festa pelo povo do Rio de Janeiro e pelo Presidente Getúlio Vargas. Tudo bem ao estilo da época, de enaltecimento do esporte.

Segundo o depoimento de Maria Lenk²⁵, corroborando a hipótese desse estudo, em São Paulo coube a um pequeno grupo

"de moças do qual ela participou, da colônia alemã, romper as maiores barreiras antepostas à mulher no desporto pelos costumes e preconceitos locais, ao se apresentar em público para nadar, ainda que envoltas em prodigiosos costumes de banho, abundantes em dobras e babados. As restrições encontradas em casa por estas jovens eram menores, porque elas advinham de uma cultura tradicionalmente adepta dos cuidados com o físico e a apreciação dos encantos da natureza. Além disso a natação gozava de fama de dispensar a força muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade, impostas pelo machismo dominador."

Maria Lenk foi pioneira e, com sua determinação, influenciou as moças no cenário nacional, contribuindo para a transformação das representações que restringiam à mulher a prática esportiva. Yara Vaz representa para a mulher carioca e brasileira um símbolo de conquistas no cotidiano da cidade. Nascida em 1910, aos 17 anos Yara freqüentava a praia do Leblon com seu "duas peças"; pioneira, mostrava seu corpo trabalhado em exercícios diários, corria e nadava do Leblon ao Arpoador no Rio de Janeiro. É indiscutível a repercussão do trabalho da professora Yara Vaz pelo Brasil, e a sua influência na alteração das representações sobre a prática de atividade físico-desportiva feminina; sua contribuição se deu de várias formas: primeiro como uma representante pessoal, depois como uma representante profissional, atingindo diferentes canais na sociedade brasileira, desde a sua escola de ginástica até à mídia nacional. Todo este prestígio e reconhecimento foi construído a partir da iniciativa pessoal, autônoma, de uma mulher com comportamento e um ethos de vanguarda, que saiu do anonimato sendo conhecida como "Tarzan", denominação preconceituosa, baseada em um estereótipo masculino, e depois conquistou um espaço educativo para mostrar aquilo em que acreditava e quais os princípios do seu trabalho, que até hoje continua a realizar.

Aída dos Santos é outra atleta símbolo da mulher brasileira se emancipando na e através da prática do esporte, quando diz que: "se eu tenho essa vida que eu tenho, eu agradeço ao esporte".

A partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, o governo brasileiro utilizou o esporte para compor o perfil nacionalista que tentava difundir.

Essas mulheres-ícones contribuíram para que as representações restritivas, estereotipadas, preconceituosas, ou mesmo discriminatórias, acerca da prática esportiva feminina, fossem sendo alteradas. O estudo evidencia também a visibilidade que o esporte deu a essas mulheres, como ícones da emancipação esportiva da mulher brasileira.

OLIMPÍADAS FEMININAS NOS ANOS 50

É nesse contexto marcado por transformações sutis, sem contestação transparente na relação entre os gêneros, e centradas especialmente no mundo da mulher, nos clubes e nos educandários, que se idealizam "Os Jogos da Primavera", também conhecidos como as Olimpíadas Femininas, de iniciativa do Jornal dos Sports. Neste contexto a mulher ocupa com graça e talento a cena carioca como personagem esportiva. A partir de um cenário mais representativo e de uma participação maior da mulher na vida esportiva do país, Mário Filho idealizou esses Jogos, encontrando para isso fertilidade na sociedade carioca. A participação da mulher carioca nos "Jogos da Primavera" foi o termômetro da esportivização feminina no Rio de Janeiro, onde a partir de 1949 e durante 23 anos, eles ocorreram a cada mês de setembro, representando para a mulher muito mais do que momentos de conagração e rara beleza, uma vez que, nos anos 50, a ginástica e os cuidados com o corpo faziam parte dos preceitos das revistas femininas e se intensificavam nas práticas.

A escolha da Rainha dos Jogos da Primavera simbolizava naquele certame a presença da graça e da beleza, da juventude que tanto brilhou nas competições. A Rainha da Primavera, segundo Roselee Viana Ribeiro, era escolhida fundamentalmente pela sua eficiência esportiva. Roselee, baliza brilhante do Colégio Anglo-Americano, que abriu os Jogos durante 10 anos, foi Rainha dos Jogos da Primavera em 1958, e conta que:

"Podia ser feminina, bonita, bela, charmosa, em termos corporais você nota nitidamente a diferença das meninas que eram escolhidas, as es-

colhidas tinham corpo delineado, de forma atlética, quer dizer, você olhava e via que eram meninas que praticavam esporte. E essa eficiência esportiva, que era de zero a dez; beleza de zero a dez; graciosidade de zero a dez; a eficiência esportiva entrava com um peso muito grande; então, se você tivesse tudo isso mas não praticasse nenhum esporte, você não fazia parte dos Jogos da Primavera; porque você, para ser rainha, tinha que estar dentro do contexto dos Jogos, você tinha que ser uma atleta, tinha que apresentar um contexto de resultado no esporte que você escolhesse."

As idéias de Mário Filho, quando transformadas em realidade, se traduziam em gigantismo: eram as grandes promoções do seu jornal, os livros que todo mundo admirava, e agora as multidões de jovens nos "Jogos da Primavera", e no ano de 1965 nos "Jogos Mundiais da Primavera", com delegações da Europa, dos Estados Unidos e do resto da América do Sul na pirâmide de concreto no Maracanã.

Para corroborar este estudo, que tem seu ápice nas Olimpíadas Femininas como representantes da era da democratização do esporte feminino, temos o depoimento de Carlos Heitor Cony²⁶, um dos maiores amigos de Mário, que diz:

"Mário meu amor. Nunca vi Mário Filho pessimista, agredir ou invejar ninguém. Os seus Jogos da Primavera, invenção sua, invenção única de Mário Filho, são o testemunho do que era a sua alma. Teve uma atuação, como disse Juscelino Kubitschek, decisiva no encaminhamento da mocidade brasileira, para o esporte principalmente da mulher brasileira. Se hoje estamos vendo a nossa raça melhorando, vendo a mulher brasileira se transformando, crescendo e partindo para a vida, e cada vez mais bonita, mais saudável, devemos isso em grande parte a Mário Filho, que conseguiu com aquela sua tenacidade que as meninas do colégio pudessem desfilarem em maio pelos estádios naqueles espetáculos grandiosos que foram os Jogos da Primavera. Assisti a quase todos".

Foram assim as Olimpíadas Femininas; encheram-se as praças desportivas de famílias e "fans", um intenso movimento de consagração dos "Jogos da Primavera", idealização e realização do Jornal dos Sports, na figura de Mário Filho, seu idealizador, que objetivava a propagação e a democratização da prática dos desportos pelas moças jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a mulher era segregada da atividade físico-desportiva; a sociedade brasileira a representava como um tipo frágil, incapaz, inapto para esforços, um corpo que deveria ser preservado apenas para a função de reprodução. Uma das preocupações da época estava centrada no pressuposto de que a mulher não deveria gastar energia com outras atividades, reservando-a exatamente para a função da reprodução. Isto ocorria num tempo em que não era indicada a prática da atividade físico-desportiva para a mulher, e na maioria das vezes nem lhe era permitido realizar tais atividades fora do domínio privado.

A ideologia higienista contribuiu fundamentalmente para tirar a mulher do estado de segregação em relação à atividade físico-desportiva, na medida em que as representações deste ideário influenciaram a sociedade brasileira e um de seus pressupostos de saúde se identifica com a prática do movimento corporal pela mulher, de forma a incidir em uma função reprodutora mais saudável, garantindo a gestação de filhos mais fortes. O movimento higienista ocorreu no final do século XIX e sobretudo no início do século XX, normatizando e organizando a vida da família brasileira, determinando funções claras para ambos os sexos, deixando para a mulher as tarefas do lar e a função nobre de reprodutora de filhos saudáveis. A medicalização assumiu os corpos sociais no Brasil, e o corpo feminino passou a ser compreendido na biologia da reprodução. Verifica-se então um processo de inserção da mulher na atividade físico-desportiva. Médicos, intelectuais e educadores, mais comprometidos com a saúde do povo, passaram a enfatizar a necessidade de a mulher se movimentar mais, respeitados os limites de suas características sexuais, para que pudesse melhorar seu estado geral de saúde, de forma a gerar filhos mais saudáveis. Formar um povo hígido era objetivo do Estado, que almejava aprimorar a raça, elevar o nível de saúde da população e atingir a moral da família nacional, tendo a mulher como sujeito responsável primeiro por esta função.

A inserção feminina no campo esportivo foi se dando de forma sutil e suave. Podemos verificar que o apoio da família foi um fator desencadeador da prática de atividade físico-desportiva pela mulher brasileira, sobretudo no final do século passado. Ela encontrava resistências, próprias das representações circulantes na época, que consideravam a prática de atividades físico-desportivas inadequada para a mulher, mas no momento em que optasse por um estilo de vida esportivo, se contasse com o apoio da família, permaneceria nessa nova atividade. Nos anos 30, nas práticas sociais e atléticas, contamos com a participação de mulheres que foram consideradas ícones do esporte e que desencadearam alteração nas interpretações da sociedade a respeito da participação e das representações da mulher no campo esportivo. Maria Lenk e Yara Vaz desencadearam esse processo; estas mulheres foram alterando representações periféricas relacionadas à suposta inaptidão feminina para o esporte. Yara Vaz teve um reconhecimento muito grande no espaço público quando abriu sua escola de ginástica, que continua ativa até hoje, pois a procura foi imensa. Com seu brilhantismo, sobretudo como esportista, Maria Lenk, exemplo de atleta e de mulher-ícone, ajudou a escrever parte da história das mulheres que erigiram o Brasil nos últimos cinco séculos.

O movimento de eugenia da raça, dos anos 30, incrementou a participação das mulheres no esporte de forma mais explícita, pois vários já eram os espaços esportivos femininos em diferentes modalidades pelas cidades do Brasil. O exercício era um dos instrumentos utilizados para a formação de uma mulher mais forte, para a função da reprodução de uma sociedade eugênica. Neste momento um contingente maior, mas ainda muito tímido, de mulheres participava de práticas esportivas e ginástica, em clubes e academias; alguns campeonatos femininos se realizaram nesta década e representam um marco para a inserção e crescente participação da mulher nas atividades físico-desportivas.

Os "Jogos da Primavera", a partir dos anos 50, se constituíram numa grande festa es-

A ideologia higienista contribuiu fundamentalmente para tirar a mulher do estado de segregação em relação à atividade físico-desportiva.

portiva e estética, que no ideário do Jornal dos Sports se apresentava com a marca do conagração, do compartilhamento de habilidades, da competição saudável. Sabemos que as mudanças relacionadas às representações e estereótipos se dão de forma lenta e gradual, e portanto podemos considerar que essa olimpíada feminina deve ter contribuído para alavancar a esportividade das mulheres, dando-lhes visibilidade e, somando-se a outras iniciativas do mundo feminino que, articuladas, foram tecendo uma nova rede de significados e possivelmente construindo novas representações sobre a relação entre mulher e esporte.

Analisando os "Jogos da Primavera", verifica-se que o esporte feminino passou por uma mudança substancial na medida em que a mulher esportista teve espaço na mídia, ganhou força junto à opinião pública; logo, os Jogos possibilitaram e favoreceram a transformação das representações restritivas à prática do esporte pela mulher. Como se pôde confirmar, os Jogos se constituíam em um evento de grande participação de moças e de público.

No processo de democratização do esporte através dos "Jogos da Primavera", meninas se inscrevem com diferentes níveis de habilidade esportiva; encontra-se desde Aída dos Santos, que bateu um dos seus recordes nos Jogos, até a menina de colégio que nunca havia competido antes. Outra característica democratizante presente na organização dos Jogos, foi a possibilidade de as moças se inscreverem nos esportes de sua preferência.

A escolha da Rainha dos "Jogos da Primavera" acresceu ao espetáculo das olimpíadas femininas a graça e a beleza, garantindo a presença marcante da feminilidade no evento esportivo, associando ao esporte, que representava força e virilidade, características consideradas masculinas, a graça, o encantamento e a beleza, segundo o ideário que fundamentava as representações da época.

Esta tese defende que a crescente democratização da participação da mulher brasileira na atividade físico-desportiva vislumbra a utopia

de um mundo mais justo, mais solidário, e sobretudo mais cidadão, na medida em que caminha para uma trajetória de maior felicidade para a humanidade, diminuindo os abismos entre homens e mulheres independentemente de suas características étnicas e biológicas. O fato desta participação se tornar mais humana e menos discriminatória nos leva a compreender que cidadania é coisa de povo e não apenas de homem, como tem mostrado a história das mulheres no século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. L'étude expérimentale des représentations sociales. In JODELET, D. (org.). *Les Représentations Sociales*. 4ª. ed: Paris: Presses Universitaires de France, 1994, (p. 187-203).
- ARENO, W. *Considerações médico-desportivas sobre atletismo feminino*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1945, (1): 24-25.
- ARENO, W. *Fundamentos biológicos da Educação Física Feminina*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1962, (17): 55-70.
- DEPOIMENTO concedido ao Museu da Imagem e do som, na homenagem feita a Mário Rodrigues Filho, em 16/09/68, onde reuniram alguns de seus amigos para que falassem sobre este grande jornalista esportivo.
- DUNNING, E. *Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations*. Pp. 163-178, In *Women, sport, and culture*, Champain: Human Kinetics, 1994, (p.163-178).
- DURKHEIM, E. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970, p.39.
- DYER (in INNER) (1984). *London Education Authority*. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education. Londres, Ilea, 1984. Este depoimento, faz parte de um vídeo produzido pela Rede Globo de Televisão em 1997, dirigido por Nelson Mello e Souza.
- EZAGUI, J. *Educação Física feminina*. Educação Física, Rio de Janeiro, 1944, (78): 16-17.
- GUERIOS S. F. M. Educação Física feminina; exercícios preventivos ou corretivos e de relaxamento. *Revista de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército*. Rio de Janeiro: 1948, 15 (57): 14-17.

- HARRIS in INNER. *London Education Authority*. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education. Londres, Ilea, 1984.
- HAYCOCK e GILLETE in HARDMAN, A M. *Women in Sports: a review of the physiological factors*. Physical Education Review. s.l., 1 (2): 9-44. & INNER (1984). *London Education Authority*. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education. Londres, Ilea, 1979.
- HOBBS AWN, E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- INNER. *London Education Authority*. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education. Londres, Ilea, 1984.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (org.) *Les représentations sociales*. 4ª. ed. Paris: PUF, 1994, (p. 36).
- LENK, M. *Braçadas & abraços*. 2ª. ed. São Paulo: Gráfica Bradesco, 1986, (p.17).
- MARINHO, I. P. *Ginástica Feminina Moderna*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1956, (9): 35-32.
- MAYNE, M. E. B. O sistema sueco baseado na Ginástica de Ling, adaptado ao sexo feminino, na Argentina. *Boletim de Educação Física*, 1944, (10): 73-78.
- McCLOY, C. H. *A Syudy of landing shock in jumping for women*. Arbeist-psychologie, 1931, s. 1., (5): 100.
- MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE (org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. (1996). Rio de janeiro: Editoria Central, UGF.
- REZENDE, E. M. L. da C. *Ginástica Rítmica. Revista de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército*. Rio de Janeiro, 1978, (104): 55
- ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (org.) *Corpo mulher e sociedade*. São Paulo: Papirus, 1995, (p.272).
- SANT'ANNA, B. D. (org.). *Políticas do corpo*, São Paulo: Estação liberdade, 1995, (p. 167).
- SHANGOLD in ARAÚJO, C.G.S. de et ai. Curso de Medicina do Exército, aspectos tocoginecológicos do Exército. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Rio de Janeiro, 1981, 3 (1): 5-15.
- SPENCER, H. *Da educação moral, intelectual e physica*. Tradução: Carrilho Videira, Lisboa. Nova Livraria Internacional, 1887.
- VERTINSKY, P Women, sport, and exercise in the 19th century. In: Costa, M. & Guthrie, S. R. *Women and sport*. Champain: Human Kinetics, 1994, (p.70).
- VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. 3ª. ed. Brasília: Editora universidade de Brasília, 1995, (p.28-29).

NOTAS

¹ O foco de interesse deste estudo são as mulheres brasileiras de elite. Assim, estão excluídas, até a Abolição (1888), as escravas, as mucamas, as ser vas, as proletárias, enfim, as mulheres pobres, para quem não havia e continua a não haver espaço nem contexto para a prática de atividade físico-desportiva.

² In SANTANNA, B. D. (org.) (1995). *Políticas do corpo*, São Paulo: Estação Liberdade, p. 167.

³ Nesta tese estamos trabalhando com o termo se gregação num sentido mais leve, diferente do convencional, de separação ou isolamento de mi norias no seio da sociedade. O sentido em que se está utilizando o termo aponta para um campo ou espaço social, em que, consensualmente, à mulher era considerado inadequado praticar atividades físico-desportivas. Um espaço que apresentava fortes resistências argumentativas e práticas à penetração feminina, de modo que, se esta inserção ocorresse, a mulher arcaria com o ônus do preconceito e das opiniões contrárias,, embora esta prática não lhe fos se proibida.

⁴ JODELET, D. (1994). Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (org.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, p. 36.

⁵ Observa-se que os domínios esportivos na época ora referida eram considerados reserva masculina: toda atividade físico-desportiva era considerada coisa de homem, e restrita aos homens.

⁶ Estamos utilizando essa terminologia para tentar mos nos aproximar das atividades físicas que eram propostas para a mulher no período compreendido entre 1874 e 1910, prioritariamente. A partir de 1910 podemos começar a utilizar também o termo *esporte*.

⁷ DUNNING, E. (1994) Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations. Pp. 163-178, *In Women, sport, and culture*, Champain: Human Kinetics. (p.163-178).

- ⁸ ROSEMBERG F. (1995). A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (org.) *Corpo mulher e sociedade*. São Paulo: Papirus. (p.272).
- ⁹ VEYNE, P. M. (1995). *Como se escreve a história*. 3a. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (p.28-29).
- ¹⁰ HOBBSAWN, E. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras.
- ¹ In DURKHEIM, E. (1970). *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.39.
- ¹² ABRIC, J. C. *L'étude expérimentale des représentations sociales*. In JODELET, D. (org.), (1994). *Les Représentations Sociales*. 4a. ed: Paris, Presses Universitaires de France, (p. 187-203).
- ¹³ VERTINSKY, P. (1994) Women, sport, and exercise in the 19th century. In: Costa, M. & Guthrie, S. R. *Women and sport*. Champaign: Human Kinetics. (p.70)
- ¹⁴ Os médicos focalizavam com particular atenção as meninas/adolescentes. Eles afirmavam que o início da menstruação exigia tanto, fisicamente, que precauções especiais e muito descanso eram exigidos neste momento da vida.
- ¹⁵ SPENCER, H. (1887). *Da Educação Moral, In telectual e Physica*. Tradução: Carrilho Videira, Lisboa. Nova Livraria Internacional.
- ¹⁶ Estamos fazendo referência pela versão portuguesa, de 1887, em edição da Nova Livraria Internacional, de Lisboa, com tradução de Carrilho Videira.
- ¹⁷ Ver: EZAGUI, J. (1944). Educação Física feminina. *Educação Física*, Rio de Janeiro, (78): 16-17.
- MAYNE, M. E. B. (1944). O sistema sueco baseado na Ginástica de Ling, adaptado ao sexo feminino, na Argentina. *Boletim de Educação Física*, (10): 73-78.
- ARENO, W. (1945). *Considerações médico-desportivas sobre atletismo feminino*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1(1): 24-25.
- GUÉRIOS S. F. M. (1948). Educação Física feminina; exercícios preventivos ou corretivos e de relaxamento. *Revista de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército*. Rio de Janeiro: 15 (57): 14-17.
- MARINHO, I. P. (1956). *Ginástica Feminina Moderna*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, (9): 35-32.
- REZENDE, E.M.L. da C. (1978). Ginástica Rítmica. *Revista de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército*. Rio de Janeiro, (104): 55.
- ¹⁸ ARENO, W. (1962). *Fundamentos biológicos da Educação Física Feminina*. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, (17): 55-70.
- ¹⁹ Para maiores esclarecimentos ver: McCLOY, C. H. (1931). *A Syudy of landing shock in jumping for women*. *Arbeist-psychologie*. s. 1., (5): 100.
- ²⁰ Ver HARRIS in INNER (1984). *London Education Authority. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education*. Londres, Ilea.
- SHANGOLD in ARAÚJO, C.G.S. de et ai (1981). Curso de Medicina do Exército, aspectos tocoginecológicos do Exército. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Rio de Janeiro, 3 (1): 5-15.
- ²¹ HAYCOCK e GILLETE in HARDMAN, A M. (1979). *Women in Sports: a review of the physiological factors*. *Physical Education Review*. s.l., 1 (2): 9-44. & INNER (1984). *London Education Authority. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education*. Londres, Ilea.
- ²² Ver INNER, (1984). *London Education Authority. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education*. Londres, Ilea.
- ²³ Para mais dados sobre o tema, ver DYER (in INNER) (1984). *London Education Authority. Providing equal opportunities for girls and boys in Physical Education*. Londres, Ilea.
- ²⁴ Este depoimento, faz parte de um vídeo produzido pela Rede Globo de Televisão em 1997, dirigido por Nelson Mello e Souza.
- ²⁵ LENK, M. (1986). *Braçadas & abraços*. 2a. ed. São Paulo: Gráfica Bradesco, p.17.
- ²⁶ Depoimento concedido ao Museu da Imagem e do som, na homenagem feita a Mário Rodrigues Filho, em 16/09/68, onde reuniram alguns de seus amigos para que falassem sobre este grande jorna lista esportivo.

UNITERMOS

Representação social; atividade físico-desportiva; mulher e emancipação.

**Ludmila Mourão é professora do Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro/Brasil. Este artigo está baseado na Tese defendida em 1998 no curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, sob a orientação do Prof. Dr. Sebastião Votre.*